

CASAIS SEM FILHOS E A ADOÇÃO SUFICIENTEMENTE BOA

Bruna Lima Dias¹

Luciana Gomes Lima de Freitas²

Kelly Cristina Rodrigues da Silva Petri³

Resumo: O presente estudo tem como objetivo discutir a temática da adoção na perspectiva psicanalítica de D.W. Winnicott, por meio de um estudo correlacional, que abordou a experiência de adoção de dois casais sem filhos biológicos. Baseado em Winnicott (2015), investiga-se a parentalidade adotiva e os sentimentos de ambivalência em relação à adoção com objetivo de identificar as adaptações ambientais e psicossociais ao receberem seus filhos, além de compreender questões relacionais, que se realizam na infância, em função da descontinuidade do convívio com seus genitores, que podem vir a dificultar a parentalidade adotiva. Por fim, os resultados ilustram a necessidade de orientação ou psicoterapia psicanalítica e de uma orientação baseada na teoria winnicottiana com pais e filhos adotivos, como uma medida profilática, para o estabelecimento de uma dinâmica familiar sólida.

Palavras-chave: Adoção, Parentalidade, Psicanálise, Winnicott.

INTRODUÇÃO

Segundo Winnicott (2015) um dos fatores essenciais para uma adoção bem-sucedida é que os pais tenham a capacidade cuidar da criança, adequando-se às necessidades dela enquanto ela se desenvolve física e emocionalmente. Dessa forma, compreender a adoção, baseada na teoria do autor, implica levar em consideração que os pais adotivos devem ter a capacidade de “tratar” a criança que sofreu desamparo dos pais biológicos ou foi devolvido em outro processo de adoção. Por meio da experiência do psicanalista, nos tempos de guerra, o autor concluiu que as crianças separadas de seus pais biológicos apresentavam muita dificuldade em se adaptarem em outro ambiente familiar, além de apresentarem inúmeros transtornos emocionais e de saúde.

A partir dessa observação winnicottiana compreende-se que o exercício da parentalidade na adoção de crianças não pode negar sua história de vida e a subjetividade já

¹ UniRV-Universidade de Rio Verde, brunalima.rv@gmail.com.

² UniRV-Universidade de Rio Verde.

³ UNIFIMES -Centro Universitário de Mineiros.

constituída na criança. Segundo dados do CNJ – Conselho Nacional de Justiça existem 47 mil crianças cadastradas vivendo em instituições de acolhimento em todos os estados brasileiros (FARIELLO,2017). Diante desse número, faz-se necessário buscar compreender a adoção e suas nuances, com o objetivo de apresentar o processo de construção da parentalidade, em especial a adotiva e suas relações com a conjugalidade, na perspectiva psicanalítica de Winnicott.

1 A PERSPECTIVA DA MATERNAGEM NA PSICANALÍTICA DE WINNICOTT

O processo de amadurecimento pessoal, segundo Winnicott (2015), é constituído por dois fundamentos básicos : a tendência inata ao amadurecimento e o cuidado suficientemente bom do ambiente. No início da vida do bebê, a mãe terá basicamente três funções : holding (sustentação), handling (manejo) e a apresentação dos objetos. O holding se caracteriza pela maneira como o bebê é sustentado no colo pela sua mãe e é, ao mesmo tempo, uma experiência física e uma vivência simbólica, que significa a firmeza com que é amado e desejado como filho. (WINNICOTT, 2015). A etapa seguinte é o handling, experiência de entrar em contato com as diversas partes do corpo através das mãos cuidadosas da mãe, facilitando a formação de uma parceria psicossomática. É o jeito de como o bebê é, cuidado, manipulado e tratado.

E por fim, na apresentação dos objetos, a mãe começa a mostrar que é substituível e propicia que seu bebê o encontre e a crie novos objetos que serão mais apropriados ao atual estado de desenvolvimento da criança. Essas três funções da “ mãe suficientemente boa ” facilitam o desdobramento do processo de maturação, que abrange três tarefas principais : a integração, propiciada pelo holding, a personalização, pelo handling e a relação objetal, pela apresentação dos objetos (WINNICOTT, 2015). Segundo Winnicott (2015) tudo o que uma criança anseia é a presença reasseguradora da mãe, que lhe suscite uma confiança básica em si mesmo e no mundo. Somente por meio de um contato suficientemente bom, no sentido de adequado, com a mãe - ambiente, o bebê poderá constituir - se física e emocionalmente no mundo.

1.1 O PAI COMO SUPORTE EMOCIONAL DA RELAÇÃO MÃE-BEBÊ

Winnicott diz que a mãe é responsável pelo o que acontece com o bebê nos primeiros meses de vida e não o pai, pois é a mãe, que formará o ambiente em que o recém-nascido irá precisar para amadurecer. O importante nesta primeira fase, para a formação do bebê, é o que acontece na essência da relação mãe-bebê, que para sucesso de tal relação, é necessário que ela seja sustentada pelo pai (WINNICOTT, 2015).

Para o autor, o pai é quem dará suporte a relação mãe - bebê, ele fornecerá sustentação à mãe. Assim, para Winnicott (2015) o pai é um coadjuvante na vida do bebê e ponto central na vida da mãe. Partindo da ideia de holding, é isso que o pai faz com a mãe nos momentos iniciais da vida de seu filho, uma sustentação do estado de preocupação materna primária. Isso acontece quando o pai age como provedor e protetor da díade mãe/bebê.

1.2 A FANTASIA DA PARENTALIDADE

Segundo Winnicott (2008) é fundamental que os pais adotivos estejam preparados para lidar com uma criança que possivelmente traga consigo algum grau de perturbação. Para construção da parentalidade, em relação à adoção, é necessário levar em consideração as privações e deprivações já sofridas pela criança. Os pais adotivos precisam compreender que eles não foram os causadores da privação e deprivação, mas mesmo assim elas aconteceram.

[...] e quando a história inicial não foi suficientemente boa em relação à estabilidade ambiental, a mãe adotiva não está adotando uma criança, mas um caso, e, ao se tornar mãe, ela passa a ser a terapeuta de uma criança carente (WINNICOTT, 1954/1997, p. 117)

Os pais não podem criar uma ilusão de que a adoção pode fazer bem a eles ou mudar suas vidas de ambos, a adoção não é solução para problema algum. Ela implica diretamente em lidar com as privações e deprivações de seu filho e essa tarefa será árdua, talvez para o resto de suas vidas (WINNICOTT, 2015).

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo do tipo descritivo e exploratório, seguindo o enfoque qualitativo de pesquisa. A estratégia metodológica adotada é o estudo correlacional de casos, baseada nas experiências relatadas pelos casais entrevistados. Os dados para produção desta pesquisa foi realizado por meio de um projeto de pesquisa, que posteriormente, foi encaminhado ao comitê de ética e aprovado, após isso, foram realizadas entrevistas semiestruturadas baseadas nas obras de Winnicott, com dois casais que passaram pelo processo de adoção e não possuem filhos biológicos. O método empregado para o tratamento dos dados foi a análise de conteúdo temática e a interpretação dos dados apoiando-se no referencial psicanalítico, na perspectiva Winnicottiana. Na tentativa de compreender a vivência do casal, após a realização de várias releituras do material transcrito, buscar-se-á identificar as unidades de significado, categorizadas por meio de análise vertical do material.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram realizadas entrevistas com dois casais que realizaram a adoção por meios legais e que não possuem filhos biológicos, para realização da análise dos dados os chamaremos de casal 01 e casal 02. O casal 01 são pais de uma criança do sexo feminino e a adotaram com um ano de idade. O segundo casal são pais de uma criança do sexo masculino e o adotaram na maternidade, recém-nascido.

4.1 DA FANTASIA AO DESEJO DE ADOTAR

Casal 01:

O relato dos candidatos à adoção revela fantasias, por esta razão é importante ressaltar a importância de disponibilizar acompanhamento e apoio durante a espera (REPPOLD et al., 2005) [...] *Você tinha alguma expectativa antes da adoção? Tipo de como vai ser, como seria? Ah eu sempre tive, eu Desde quando eu comecei a namorar eu já pensava em ser pai ne, a gente já conversava sobre isso, e o espelho meu sempre foi o espelho dos meus amigos ne, que eu tenho amigo da minha idade que já tem filho já, que já é ate avô. (...) eu ficava pensando no rostinho se era menino se era menina, igual à gestação mesmo né [...].*

Em relação ao desejo de adotar o casal relatou que desde o início do namoro tinham a intenção de adotar “[...] *No começo eu tinha uma ideia seguinte, eu tenho um filho biológico, um dois não sei, quando eles tiverem maiores e eu, já não estiver dependendo mais tanto de mim, eu vou adotar [...]*”. A realização do processo de adoção só foi realizada após eles não conseguirem ter um filho biologicamente, eles tinham a opção de tentarem um tratamento para conseguirem ter um filho biológico, mas decidiram iniciar o processo de adoção “[...] *eu tinha na minha cabeça o seguinte: olha tem tanta gente precisando de um pai e de uma mãe e nós somos um pai e mãe precisando de um filho, porque a gente não une as duas coisas né [...]*”. Ao serem questionados sobre o que os motivaram adotar o casal respondeu: “[...] *A vontade de ser pai e ser mãe mesmo [...]*”.

Casal 02

O segundo casal em suas falas também apresentou ter fantasias em relação a adoção, “[...] *a única coisa que a gente colocou (na ficha de adoção), é que a gente queria novinho, porque eu tinha muita vontade de amamentar, então assim eu queria participar de todas as fases. Eu chorei, chorei, fiquei com ele no colo, fiquei com ele umas duas horas lá, aí eu falei pra ela (enfermeira) que eu tinha vontade de amamentar, aí ela falou que me ajudaria na relactação, que é um processo que a gente faz*”. Segundo Winnicott (2015) quando se adota os pais não podem fantasiar, pois é necessário que a saúde emocional dos pais adotivos estejam em perfeitas condições, pois adotar implica diretamente em lidar com as deprivações de seu filho e eles terão que desempenhar essa tarefa talvez para o resto de suas vidas.

O casal relatou que a intenção de adotar surgiu após a descoberta de que filhos biológicos, eles tentaram algumas vezes ter filhos por inseminação artificial, porém sem sucesso “[...] *quando a gente teve várias tentativas de reprodução humana sem sucesso aí um dia eu cheguei e falei vamos adotar (...) desde o momento ele falou vamos fazer, me apoiou, concordou, porque a gente já estava desgastados das reproduções humanas desgaste tanto financeiro, tanto psicológico, daí com este desgaste que a gente tava tendo, concordou, falou vamos, não por a ultima alternativa ne mas porque a gente tava cansado mesmo [...]*”.

4.2 A ADAPTAÇÃO AO LAR E A CONSTRUÇÃO DA PARENTALIDADE

Assim que conheceram seus filhos os casais entrevistados relataram que realmente sentiram uma conexão a partir do momento em que os viram, se sentiram seus pais.

Casal 01:

A esposa foi a primeira a ter contato com a criança, ela foi ao abrigo de crianças onde a garotinha se encontrava, “[...] *ai a moça chegou com ela... ela tão pequenininha, tão pequenininha, pois ela no me colo, ela passou a mão no meu rosto, passou a mão, passou a mão em mim todinha, abriu os olhos e ficava com olhos bem brilhantes, ai ela me abraçou forte e dormiu no meu colo, 17 minutos [...]*”. Ao pegar a criança a esposa relatou sentir um amor instantâneo “[...] *O amor da adoção acho que é o mesmo amor do filho, quando a mãe recebe o filho ne, ali dando à luz, e ali naquele momento, que ela chegou é minha filha, não tem como não ser, o amor é instantâneo, o amor é instantâneo, você começa, você olha e fala, meu Deus é meu, é minha [...]*”.

O casal relatou sentir um preenchimento em sua casa e em suas vidas após a chegada das crianças “[...] *Como se tivesse completado uma coisa que tava faltando mesmo (...) é como se a gente estivesse esperando por ela a vida inteira [...]*”. A chegada da criança em casa foi um período de adaptações tanto para os pais, quanto para a criança, “[...] *nos 03 primeiros dias ela ficou mais quietinha, chorava muito a noite, não dormia, ela pedia pra ir na tia, tia eu acho que é do orfanato [...]*”.

Segundo relatos do pai a criança levou um tempo para conseguir se acostumar com a presença dele, “[...] *ela demorou pra acostumar comigo, porque lá ela convivia só com mulheres (...) ele chegava perto e ela chorava muito, a noite então, eu não podia dormir lá no quarto, eu ficava a noite inteira no quarto com ela, porque ela passou ate umas 04 horas da manha sem dormir e chorava, chorava, ai ela pegou e dormiu nas minhas costas [...]*”. Após os relatos dos pais na entrevista, fica evidente que eles buscaram se adequar a sua filha, e segundo o Winnicott (2015), os pais suficientemente bons são aqueles que conseguem se identificar com seu filho, adaptando-se ativamente às suas necessidades.

Casal 02:

O primeiro encontro da mãe com a criança foi relatado pela esposa “[...] *eu falei pra ela (enfermeira) que eu vim a mandado do juiz, ela falou assim, você que é a mãe do bebê? Eu falei sou, daí vou buscar seu filho, e eu chorei, chorei, ai veio, ela, ele muito bebezinho, parecia um ratinho (...) ai eu chorei, chorei, fiquei com ele no colo, acho que eu fiquei com*

ele, acho que umas duas horas lá [...]”. Com a chegada da criança o casal relatou que a casa se tornou mais alegre “*[...] A casa era meio vazia como se diz depois que ele chegou mudou totalmente, mais alegre [...]”*. Considerando a importância atribuída por Winnicott (1993) à relação bebê-ambiente, é interessante destacar que o ambiente em questão parece ter se constituído como suficientemente bom para o acolhimento da criança adotiva, favorecendo, assim, seu processo de amadurecimento gradual.

Segundo Winnicott (2015) a deprivação se caracteriza como uma perda de algo bom, que foi uma experiência positiva até certo momento, e que lhe foi retirado, tendo sido interrompido por um período de tempo maior do que a criança é capaz de se lembrar, ocorre após os seis meses de idade, por esta razão nos relatos das entrevistas do casal 02, não se percebe uma dificuldade de adaptação da criança, pois a ela não é capaz de se lembrar das privações sofridas.

4.3 RELAÇÃO MÃE-BEBÊ

Casal 01:

A preocupação materna primária se caracteriza como um estado de fusão emocional com seu bebê, em que ela é o bebê e o bebê é ela (WINNICOTT, 2015), e isso fica evidenciado na seguinte fala da mãe em entrevista: “*[...] ela não é uma criança quieta, não tem uma hora que ela tá quieta, só de noite assim quando ela fica vendo uns desenhinhos animados daí ela fica quieta, mas fora isso e ela é do gênio forte, ela quando ela quer uma coisa ela quer mesmo, ela carinhosa, brinca corre, mas quando ela quer uma coisa; ela já melhorou muito, mas assim ela dava umas birra bem, quando ela chegou ela dava umas birra bem, na verdade assim, é igual o médico falou também, as vezes, por a biológica, ter sido, é usuária né, as vezes assim, ela teve, ela teve que tomar medicação 01 ano né, quando ela tava lá no orfanato, por causa das drogas né, das coisas né, que ela usava, e aí assim as vezes ela chorava, você sabe o que que é birra e você sabe o que que é crise, a gente sabe quando é que ela com umas crises nervosa e agente sabe quando não é isso né, quando ela tá dando birra você dana com ela fala para com isso agora, aí ela era para, se você coloca ela no cantinho do pensamento ela fica e quando ela com crise não, ela não para, você vê que ela tá sentindo falta de algo que ela não sabe o que que é. Então o médico acredita que seja por*

causa das drogas né, que ela tá nervosa, tá estressada, que ela quer alguma coisa que ela não sabe o que é, então isso no início me deixou bem preocupada [...].

Uma dificuldade relatada pelo casal em relação à filha adotiva, é que ela se assusta facilmente com barulhos, eles relataram não saber o porquê mas creem que seja por algo que a filha vivenciou no passado “[...] Ela tem muito medo de barulho, por exemplo, quando abre o portão, ela sai correndo ela assusta, não sei se ela teve algum trauma (...) qualquer barulho assim, pegar a porta e bater (...) ela melhorou um pouco, mas ela tem muito medo, aí ela começa chorar e grita e vai e pula no colo de quem tiver próximo se ela escutar um barulho, e ela tá acostumada com portão abrir e fechar todos os dias mas mesmo assim ela assusta [...]”. Segundo Winnicott (2015) essa adaptação deve diminuir gradativamente durante o processo de desenvolvimento da criança, auxiliando-a a fortalecer a capacidade de tolerar frustrações e compreender os fracassos da mãe-ambiente. Ao relatar os cuidados que teve em relação com a imagem de sua filha, a mãe parece ter se empenhado para se constituir como uma mãe suficientemente boa, a figura materna se mostrou presente e estável no momento em que o filho necessitava de seus cuidados. Nesse sentido, ela parece ter sido capaz de prover holding, construindo um vínculo descrito por ela em termos positivos e auxiliando a filha a lidar com suas deprivações (WINNICOTT, 2015).

As falas da mãe demonstram que ela utilizou duas das três funções da mãe suficientemente boa, que Winnicott (2015) nos traz, o holding quando ela fornece o sustento necessário à criança, o handling, quando fornece cuidado e garante à criança a sensação não só de cuidado físico, mas de afeto e pertencimento, já em relação à apresentação dos objetos, onde a mãe deveria começar a mostrar-se substituível e deixar com que a criança encontre e crie novos objetos, é possível perceber nas falas dos pais que a criança por ter vindo de um orfanato, se mostrou independente em diversas situações, pulando a fase de apresentação dos objetos, “[...] ela era muito independente, pela idade dela, ela , pensa no orfanato com várias crianças e três quatro pessoas só pra cuidar, uma criança da idade dela não dá tempo de você da atenção e tal, e ela era criança independente, ela tinha um ano e sete meses, você dá uma banana na mão dela, se você descascasse ela achava ruim, ela queria descascar sozinha (...) porque era assim que ela fazia, porque não tinha as pessoas pra fazer pra ela na verdade (...) quando ia por ela pra dormir, ela dormia sozinha, e assim muitas vezes, eu ia ficar com ela pra dormir, e ela ficava coçando a cabecinha, fazendo carinho nela mesma (...) ela

mesmo queria uma pessoa pra fazer carinho e la não tinha ne, então ela mesma fazia carinho nela ne, ficava passando a mão no rostinho dela todinho[...]”.

Casal 02:

A preocupação materna primária fica evidenciada na seguinte fala “[...] *eu sempre fui mãe no sentido de ficar, de cuidar, eu cuidei dele até um ano e três meses, só eu, eu nunca quis ter babá [...]*. Pois, segundo Winnicott (2015) tudo o que uma criança necessita é a presença reasseguradora da mãe, que lhe provoque uma confiança básica em si mesmo e no mundo. Somente por meio de um contato suficientemente bom, no sentido de adequado, com a mãe-ambiente, o bebê poderá constituir-se física e emocionalmente no mundo

Em suas falas em entrevista a mãe demonstrou que ela utilizou as três funções da mãe suficientemente boa, que Winnicott (2015) relata o holding quando ela forneceu à criança o sustento necessário, o handling, quando ela forneceu o cuidado necessário e garantiu ao seu bebê a sensação não só de cuidado físico, mas de afeto e pertencimento, e apresentou os objetos quando começou a se mostrar substituível e a propiciar ao seu bebê o encontro e a criação de novos objetos “[...] *eu não saia de casa, até três meses eu só ficava dentro de casa, eu saia pra ir pra consulta médica, e quando ia vacinar. (...) eu punha o celular pra despertar de três em três horas porque ele era bebezinho (...) eu aproveitei cada momento da minha maternagem (...) com um ano e três meses eu voltei a trabalhar [...]*”.

4.4 O PAPEL DO PAI

Casal 01:

Winnicott (2015) diz que a mãe é responsável pelo o que acontece com o bebê nos primeiros meses de vida e não o pai, pois é a mãe, que formará o ambiente em que o recém-nascido irá precisar para amadurecer, porém o pai ser um espelho as mãe, oferecendo suporte “[...] *esses dias minha esposa me contou a historia do colega meu lá que disse que depois que minha filha nasceu eu mudei totalmente de vida, mas mudei pra melhor (...) ate dia das mães ele foi comprar presente pra esposa (...) a esposa do colega do esposo falou: eu te conheço a muito tempo; você sempre continuou sendo a mesma, sempre sorridente, sempre mais e mais feliz ainda, você conversa com todo mundo, seu esposo era muito sério, pelo você passava pelo corredor, ele era uma pessoa respeitada mas ele era na dele assim, sempre com*

a expressão fechada, hoje você passa pelos corredores você encontra com ele, ele tá com o sorriso largo, sozinho ele tá com o sorriso largo [...]muda né, um filho muda na vida da pessoa, totalmente é filho né, é tudo [...]”.

Casal 02:

O suporte oferecido pelo pai é necessário, para que as mães que se encontram desamparadas se sintam protegidas, pois enquanto elas se encontram neste estado estão vulneráveis (WINNICOTT, 2015), “[...] ele foi um pai presente, ele ajudava muito, dava mama, fazia dormir, então assim foi gostoso quanto pra mim acho que quanto pra ele [...].O pai relata como se sentiu ao pegar a criança “[...] toda vida eu tive um cuidado assim com, meio sem jeito de pegar uma criança recém nascida né, mas fiquei, não sei nem falar direito não, mas senti uma emoção grande (...) Mas achei melhor na hora que ele veio pra casa mesmo [...]”.

4.5 CONJUGALIDADE

Ambos os casais relataram uma mudança na vida conjugal relacionada ao lazer.

Casal 01:

O casal relatou o que mudou após a adoção “[...] a nossa vida assim era bem voltada pro trabalho e pro lazer pessoal nosso mesmo (...) o que mudou basicamente foi o seguinte a gente saía muito pra passear, ia pra rancho final de semana direto, passava final de semana na beira de rio, ia em festas voltava pra casa de madrugada, as vezes nem voltava deixava pra voltar no outro dia hoje não, hoje a gente sai bastante mas a gente escolhe os eventos bem, que são propícios pra criança [...]”.

Casal 02:

O que mudou na vida do casal após a adoção, foi a permanência deles em casa, [...] prende nós mais aqui em casa. É um casal normal, tipo assim, saía, agora não, agora ele é prioridade né (...) sai menos antigamente a gente saía mais, por exemplo, não tinha horário pra voltar, é saía pra jantar, não tinha aquela coisa muito regrada, hoje não, hoje com ele é mais difícil [...].

Os pais adotivos suficientemente bons não devem resolver suas próprias carências e incompletudes conjugais e individuais com a adoção, eles carecem de ter uma maturidade emocional suficiente para atender às necessidades da criança, que está deprivada (WINNICOTT, 2015).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo principal investigar a parental idade adotiva e os sentimentos de ambivalência em relação à adoção, para assim poder identificar as adaptações ambientais e psicossociais dos pais ao receberem seus filhos, além de compreender questões relacionais, que se realizam na infância, em função da descontinuidade do convívio com seus genitores, que poderá vir a dificultar a parentalidade adotiva.

Segundo Smith e Miroff (1987) a adoção é como uma invenção social que permite estabelecer relações entre pessoas que exercem o papel de pais e filhos, mesmo sem serem ligados biologicamente. Entretanto, segundo Winnicott (2015) a criança traz consigo, ao entrar em uma nova família, uma história de vida que, devido as circunstâncias de abandono, lhe deixaram marcas de uma formação social já iniciada.

A adoção suficientemente boa, não pode ser entendida apenas como um evento bem-sucedido de integração da criança em uma família substituta, pois segundo Winnicott (2015) um dos fatores principais para que uma adoção seja bem-sucedida é que os pais tenham a capacidade cuidar filho adequando-se às necessidades dele, enquanto ele se desenvolve física e emocionalmente. Haverá dificuldades reais, que a criança enfrentará nesta nova família, demandando que os pais tenham paciência e amor para lidar com o que o filho trará de sua vida anterior. A partir dos relatos nas entrevistas, é possível perceber que os pais demonstraram habilidades e sobretudo amor na maneira em que lidam com a situação que poderia desestabilizar a família e conseguiram acolher uma criança deprivada no lugar da criança idealizada por eles.

A adoção tem uma finalidade terapêutica, de acordo com a perspectiva psicanalítica de Winnicott, os pais serão para os filhos adotivos: eternos terapeutas. A vertente psicanalítica trazida por Winnicott pode contribuir significativamente para a criação de filhos adotivos,

oferecendo uma forma de tratamento considerado bem-sucedido, entretanto, é necessário que primeiramente os pais adotivos queiram dar à criança uma vida familiar como dariam os pais reais. Salienta - se que o trabalho do psicólogo, sobretudo os que trabalham à luz da perspectiva winnicottiana, pode contribuir para uma adoção suficientemente boa.

REFERÊNCIAS

FARIELLO, L. **Campanha paulista atrai famílias para crianças que vivem em abrigos.**

Conselho Nacional de Justiça, CNJ, 2017, disponível em: <<http://www.cnj.jus.br/programas-e-acoas/cadastro-nacional-de-adocao-cna>>. Acessado em: 20 de nov. 2018.

REPPOLD, C. T. et al. **Aspectos práticos e teóricos da avaliação psicossocial para habilitação a adoção.** In: HUTZ, C. S. (Org.). *Violência e risco na infância e adolescência: pesquisa e intervenção.* São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

Smith, J. e. M., F. I. **You're our child: the adoption experience.** New York: Madison Books, 1987.

WINNICOTT, D. W. **A família e o desenvolvimento individual.** São Paulo: Martins Fontes. 4ª ed., 2015.

_____. **Privação e delinquência.** São Paulo: Martins Fontes, 5ª ed., 2015.

_____. **Armadilhas na adoção.** In R. D. W. Shefferd & D. W. Winnicott (Eds.), *Pensando sobre criança(s)* (pp. 126-130). Porto Alegre: Artes Médicas, 1954-1997).

_____, **Psicose e cuidados maternos.** In *Textos selecionados: Da pediatria à psicanálise* (J. Russo, Trad., pp. 491-498). Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1993.